

**“SALTEADORES DE FAMA”: LAMPIÃO E JOSÉ DO TELHADO,
DIFERENTES VISÕES DE HISTÓRIAS QUE ATRAVESSAM O
ATLÂNTICO**

**“ROBBERS OF FAME”: LAMPEÃO AND JOSÉ DO TELHADO,
DIFFERENT VISIONS OF STORIES THAT CROSS THE
ATLANTIC**

Francisco Melo Ferreira¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3305-9538>

Enviado em: 15/02/2026

Aceito em: 27/04/2026

Publicado em: 22/07/2026

Resumo: Mais de 200 anos após o nascimento de José do Telhado, mais de 125, no caso de Lampião, a memória destes “heróis-bandidos” continua presente, por exemplo, em livros de cordel e outros livros populares, mas também na investigação. Analisamos no artigo a forma como a figura de José do Telhado se popularizou através da literatura, incluindo a de cordel, dando o exemplo daquele que talvez se possa considerar o maior cordelista português moderno, José d’Almeida Cardoso Jorge. Abordamos também publicações cruzadas, editadas no Brasil sobre José do Telhado e editadas em Portugal sobre Lampião. Para tentar compreender como personagens tão distintas, que viveram em épocas, geografias, ambientes sociais e económicos tão diferentes, ficaram na memória dos dois países, fazemos uma abordagem do tema da “memória coletiva”, iniciado por Maurice Halbwachs e que é agora objeto de novas abordagens das ciências humanas, mas também das ciências cognitivas.

Palavras-chave: José do Telhado, Lampião, heróis-bandidos, memória coletiva

Abstract: More than 200 years after the birth of José do Telhado and more than 125 years after in the case of Lampião, the memory of these "bandit-heroes" is still present, for example, in cordel books and other popular books, but also in research. In the article, we analyse how the figure of José do Telhado became popular through literature, including that of cordel, giving the example of what can perhaps be considered the greatest modern Portuguese cordel writer, José d’Almeida Cardoso Jorge. We also address cross-publications, published in Brazil about José do Telhado and edited in Portugal about Lampião. To try to understand how such different characters, who lived in such different times, geographies, social and economic environments, remained in the memory of those from both countries, we approach the theme

¹ Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa (CLEPUL).
Doutor. E-mail: franciscomf2@gmail.com.

of "collective memory" initiated by Maurice Halbwachs and which is now the subject of new approaches in the human sciences but also in the cognitive sciences.

Keywords: José do Telhado, Lampião, heroes-bandits, collective memory

Introdução

Durante a pesquisa realizada para o artigo apresentado nas II Jornadas de Literatura de Cordel e Xilogravura, com o título *Deambulações geográficas sobre a Literatura de Cordel em Portugal*, deparei-me com publicações cruzadas de livros de cordel sobre José do Telhado e Lampião, feitas dos dois lados do Atlântico.

Esta descoberta colocou-me uma série de interrogações sobre as razões e os processos que levavam a esta travessia do Atlântico, as ligações entre autores, editores e impressores e, em particular, a popularidade destes “heróis–bandidos” em Portugal e no Brasil, 200 anos após o nascimento de José do Telhado, e mais de 125 anos após o nascimento de Lampião.

Para além de uma pesquisa de publicações sobre as duas personagens nos países outros, a tentativa de compreensão dos processos de entrada no imaginário popular em cada país e a receção destes “heróis-bandidos” no outro país, levou-me a considerar os conceitos de “memória coletiva” e “memória cultural”, que abordarei na parte final do artigo, bem como sobre qual o papel dos livros populares na mitificação destas figuras.

José do Telhado e Lampião, personagens aqui analisadas a partir da forma como são representadas na literatura popular, viveram em contextos temporais, geográficos, sociais, políticos e económicos distintos. José Teixeira da Silva, o José do Telhado, nasce em 1818, oitenta anos antes de Virgolino Ferreira da Silva, o Lampião. José do Telhado nasceu no lugar de Telhado, Castelões de Recezinhos, Penafiel, e a região que vê grande parte da sua atuação é uma região montanhosa e muito povoada do Norte de Portugal. Lampião nasceu em Vila Bela, atual Serra Talhada, em pleno sertão do Pajeú, uma região seca, plana e pouco povoada e alargou a sua atuação por sete estados do Nordeste brasileiro.

O contexto social, político e económico em que viveu José do Telhado é bem caracterizado por um seu biógrafo, Manuel da Boaventura, quando afirma:

Aquele mal-estar inquietante, dos primórdios do século passado, o abatimento angustioso provocado pela violência das invasões napoleónicas (1807-1811), a forçada submissão aos turbulentos conquistadores, as guerras e guerrilhas das lutas civis (1828-1834) - a miséria e a fome resultantes - perverteu a moral do povo e preparou o ânimo dos mais audazes e propensos à delinquência, para liberdades atentatórias do Direito das gentes, para a senda do crime e da violência. (Boaventura, 2023, p. 17)

Ambos se envolveram no caminho do banditismo por razões pessoais e económicas. Perseguido pelas autoridades, José do Telhado fugiu para o Brasil em 1849, regressando passado um ano e meio. Depois de fugas e enfrentamentos com as autoridades, acabou por ser capturado a 31 de março de 1859, no barco em que se preparava para fugir novamente para o Brasil, Encontrou Camilo Castelo Branco na prisão e acabou por ser condenado, em 1861, a degredo perpétuo em África com trabalhos forçados. Morre em Angola, em 1875.

Lampião torna-se famoso a nível nacional pelos combates com os polícias, “volantes”, e acaba por ser exterminado, com a maior parte do seu grupo num cerco montado pela polícia, na fazenda Angicos em 1938.

1. A Construção do Mito de José do Telhado

Em 1862 é publicada a primeira edição das *Memórias do cárcere*², em que Camilo Castelo Branco, descreve o ano que passou na Cadeia da Relação do Porto, acusado do crime de adultério com Ana Plácido. Dedicar um capítulo, o XXVI, ao bandoleiro conhecido como José do Telhado, que com ele partilhou a prisão. A obra conheceu sucessivas edições tendo surgido, provavelmente em 1874 (Cabral, 2003, p. 747), uma primeira edição autónoma com o título *Vida do José do Telhado, extrahida*

² A edição da referida obra de Camilo Castelo Branco consultada nesta pesquisa data de 2020.

*das Memórias do Cárcere*³, que também ela foi repetidamente editada. O capítulo tem um fantástico início em que o autor critica o facto de não haver quem enalteça a figura do salteador.

Este nosso Portugal é um país em que nem pode ser-se salteador de fama, de estrondo, de feroz sublimidade! Tudo aqui é pequeno: nem os ladrões chegam à craveira dos ladrões dos outros países! [...]

Diz algum tanto como exemplo desta lastimável anomalia a história de José Teixeira da Silva do Telhado, o mais afamado salteador deste século. Vulto de romance não o tem, porque neste país nem se completam ladrões para o romance. (Castelo Branco, 2020, p. 247-248)

No entanto, apesar desta afirmação, nas páginas seguintes, descreve de forma benévola as façanhas heroicas do salteador, não deixando de as justificar. A obra teve um impacto significativo na construção do mito de José do Telhado.

1.1 José do Telhado nos Folhetos Populares

A vida de José Telhado foi inspiração para folhetos populares ainda durante a sua vida. O primeiro folheto original que consultámos data de 1874, um ano antes da sua morte, e ia na segunda edição. O título é o mesmo da publicação de Camilo Castelo Branco, *A vida de José do Telhado* (Cf. Souza, 1874), e o autor é Raphael Augusto de Souza, “personalidade para a qual não é possível, atualmente, encontrar referência no campo das letras” (Pacheco, 2015, p. 51). Raphael Augusto de Souza é também autor, de um outro livro de cordel, *Pedro Sem*, exhaustivamente estudado por Carlos Nogueira no artigo *Pedro Sem: da oralidade à poesia romântica, ao cordel (português e brasileiro) e à literatura para crianças e jovens* (Nogueira, 2008).

O livro de Raphael Augusto de Souza é composto por 72 páginas, divididas em treze capítulos, que correspondem a vários episódios da vida do salteador, do Iº, “O Primeiro Crime”, ao XIIIº, “A Prisão”. A partir da 4.ª edição, de 1883, passou a incluir

³ Todas as referências respeitam a grafia das edições consultadas.

mais quatro parágrafos que referem a morte de José do Telhado em África. A partir da 8.^a edição, de 1899, passou a incluir um “Esboço Biográfico de José do Telhado”, extraído das *Memórias do Cárcere* de Camilo Castelo Branco. A última edição que consultámos, a 10.^a, data de 1914, o que dá ideia do sucesso editorial que se prolongou por mais de 40 anos.

Entre outras publicações que se enquadram nas “literaturas populares e de grande circulação” (Curto, 2007, p. 281) encontra-se *A História verdadeira e completa do célebre salteador José do Telhado* (Ver Anónimo, s.d.-01), sem indicação de data nem de autor, incluída na “Coleção Histórias Populares Portuguesas”. É composta por 16 páginas e inclui uma gravura de José do Telhado na capa.

Igualmente sem identificação de data e autor é a publicação *José do Telhado e sua quadrilha* (Cf Anónimo, s.d.-02), que fazia parte da coleção “Criminosos Célebres”. Consultámos um exemplar em mau estado, sem capa, mas com gravuras no interior, composto por 62 páginas divididas por 20 capítulos.

O folheto *José do Telhado: salteador social que roubava os ricos e repartia com os pobres*, não tem identificação de autor nem data (Cf. Anónimo, 1930). Consultámos a segunda edição, que tem uma gravura na capa e um texto com 16 páginas. Na parte final, apresenta uma seção sobre “Principaes façanhas de Sá da Bandeira, em cujo exército serviu José do Telhado”.

Deixámos para o final a publicação que mais se aproxima de uma certa ideia de livro de cordel. Data de 1898 e tem o título *Verdadeira história da vida e crimes de José do Telhado celebre criminoso do seculo XIX descripta em verso*, da autoria de José d'Almeida Cardoso Jorge. O autor, de quem não se conheciam referências biográficas, escreveu mais de 70 folhetos de cordel que vendia em sua casa, no Porto, bem como em algumas lojas do Porto, Braga e, mais tarde, em Coimbra, Lisboa e até no Brasil.

Nesta investigação, conseguimos apurar que José d'Almeida Cardoso Jorge nasceu a 20 de junho de 1854, na freguesia de Velosa, do concelho de Celorico da Beira. A 30 de agosto de 1875, casou-se em Lisboa, na freguesia de Santo André, com Rosa

Ferreira. Na certidão de nascimento do filho Daniel, nascido em 1900 de um segundo casamento, consta a profissão “vendedor de jornaes”. Escreveu sobre temas do cordel tradicional português, como Manuel Mil Homens, D. Inês de Castro, ou a história de Pedro Sem, mas também sobre conselhos para o amor e o namoro, para além de letras de fado. A escrita destas obras seria uma importante atividade do autor, que refere na capa de edições posteriores, “Propriedade registada e garantida por lei”. De acordo com a legislação da época, é possível verificar no Diário do Governo o registo de propriedade literária na Biblioteca Nacional de Lisboa de vários dos seus folhetos, em que aparece identificado como autor e editor.

No *Romanceiro Minhoto*, refere-se a compra, numa feira, de um folheto de José d'Almeida Cardoso Jorge, acrescentando os autores, “Disse a tendeira que a vendeu que êstes folhetos de cordel são muito procurados pelos castrejos que frequentam a feira de Melgaço” (Lima; Lima, 1943, p. 53).

No ano de 1940, a Comissão de Censura do Estado Novo proibiu mais de 20 dos seus folhetos, entre os quais o sobre José do Telhado. A propósito do controle exercido pela Censura, Maria de Lourdes Sampaio sugere que,

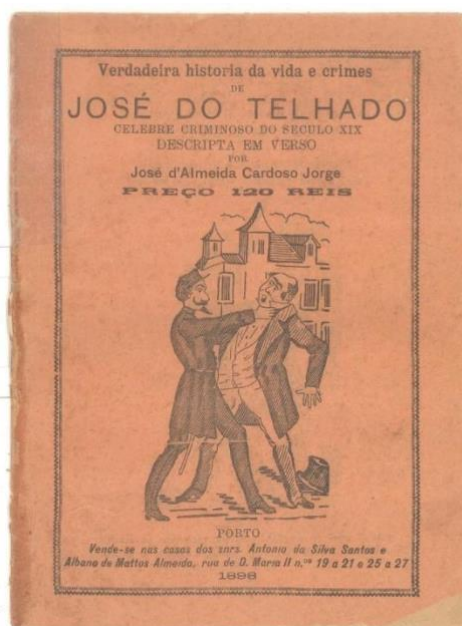
Uma das formas de “ocultação” é, naturalmente, a censura imposta pelo Estado Novo ao relato de crimes a partir de 24 de Outubro de 1931. Na lista de obras proibidas do regime salazarista encontravam-se inúmeros títulos de uma literatura criminal que perpetuava a popularidade dos célebres “criminosos” oitocentistas. (Sampaio, 2021, p. 331)

No entanto, as proibições dos folhetos de Cardoso Jorge não se aplicam apenas aos temas de crime, mas à generalidade dos fados, “cantares de camponeses” e muitos folhetos em verso qualificados como “obscenos, imorais, pornográficos”. A proibição *Verdadeira história da vida e crimes de José do Telhado* tem apenas a justificação “Mau”... (Arquivo Nacional da Torre do Tombo)

No entanto, talvez o melhor retrato da intenção de ocultação esteja na justificação de um outro folheto (*Novo fado dos cegos e mendigos*), em cujo relatório de proibição se afirma, “pela sua insipidez e literatura de baixo nível, proponho a sua

proibição”. Na verdade, era a atividade do autor, baseada na venda destes livros populares, que era posta em causa. E a estratégia parece ter resultado, já que atualmente muito poucos destes folhetos se encontram disponíveis nas bibliotecas.

Fig. 01 – Capa de *Verdadeira história da vida e crimes de José do Telhado*, 1898



Fonte: Biblioteca da Câmara Municipal de Penafiel

O folheto sobre José do Telhado, existente na Biblioteca da Câmara Municipal de Penafiel, tem a data de 1898, é o mais antigo entre os folhetos datados do autor. Tem uma gravura na capa que sugere um assalto em que aparece um José do Telhado fardado a atacar uma figura que podemos qualificar como um rico, bem vestido, com uma cartola no chão e com uma casa abastada por detrás. A publicação é composta por 32 páginas escritas em quadras e começa com um capítulo intitulado “Como se faz um criminoso”, no qual o autor descreve um José do Telhado sempre arrependido dos assaltos a que a necessidade o obriga a fazer e sempre com atitudes de defesa dos mais fracos ou em perigo.

E será crime roubar / Quando os filhos teem fome? / Quando a negra lei da
sorte/ Os innocentes consome?
Impossível não mais posso/ A' desgraça resistir. / Mostra-me a fome o caminho
Por onde devo seguir.
(...)
Foi assim que p'ra quadrilha/ José do Telhado entrou. / Era honesto probo e
honrado/ Mas a fome o desgraçou. (Jorge, 1898, p. 10-11)

O capítulo com o título “Serviços prestados por José do Telhado”, em que relembra o papel deste nos Lanceiros da Rainha e no salvamento de Sá da Bandeira, termina com a seguinte quadra:

Foi pois José do Telhado,/ Homem de grande valor. Pena foi que se entregasse,/ A essa vida de horror. (Jorge, 1898, p. 31)

Manuel Ferreira de Sousa, num artigo em que pretende “redigir em prosa o que dele se cantou e rima num folhetim de 32 páginas, 5 capítulos, e 396 quadras de sete sílabas” refere a 4^a edição do folheto, de 1909, vendida em mais locais no Porto, em Penafiel, Braga, Arcos de Valdevez e Valença (Sousa, 1986, p. 102).

Vale a pena registar que o nome deste autor aparece referido no livro *Redefinindo histórias na literatura de cordel*: a trajetória da Editora Luzeiro (c. 1920-1995), de José Rodrigues Filho (Cf. Rodrigues Filho, 2024), quer em livros portugueses existentes no acervo da Tipografia Souza (p. 79), “possivelmente editados em Portugal e importados por José Pinto de Souza” (p. 80), quer em livros da sua autoria editados no Brasil, como é o caso do folheto *Interessante e graciosa história de um marido que trocou a mulher a uma burra leiteira*, com a indicação na capa de rosto de que os pedidos devem ser feitos à Tipografia Gráfica Souza, de São Paulo. Este folheto está disponível na Cordelteca do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, onde não consta o folheto de José do Telhado.

Encontrámos também folhetos do autor no acervo do CLEPUL, nomeadamente um de 1925, que especifica que se encontra à venda na casa do autor, no Porto, em lojas no Porto, Braga e Lisboa, e também “no Pará Livraria Carioca de José Augusto Teixeira Pinto – Rua de Santo António 38-A – Brazil”.

O *Catálogo Folhetos de cordel e outros da minha coleção* (Saraiva, 2006) inclui 10 referências a folhetos deste autor, enquanto o Catálogo de Literatura de Cordel da Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia contém três referências a este autor.

1.2 As Edições de José do Telhado no Brasil

Na sua tese de doutoramento de 1993, *Cordel Português – Folhetos Nordestinos: Confrontos*, Márcia Abreu identifica, no Anexo 4, seis folhetos “anunciados no Brasil”, com o título *Vida de José do Telhado* (Abreu, 1993).

Na nossa investigação em Portugal identificámos três folhetos editados no Brasil entre 1877 e 1924 cujas capas se reproduzem na figura 2, para além de edições mais recentes em que José do Telhado é uma das personagens. O primeiro, de 1877, é *A vida de José do Telhado* (Ver Souza, 1877), de Raphael Augusto de Souza, publicado no Rio de Janeiro, pela Liv. de A. T. de Castro Dias. Trata-se da reprodução da edição, já referida, que foi publicada no Porto, em 1874, em segunda edição, pela Typographia de António José da Silva. A paginação do texto com 72 páginas é idêntica, mas a edição brasileira inclui 8 páginas em verso, que as sucessivas edições portuguesas nunca incluíram, com o título “Últimos momentos de José do Telhado” em que se descreve a morte do bandoleiro em África, que ocorreu em 1875.

Editada em São Paulo, em 1916, encontrámos *A Historia de José do Telhado (O famoso salteador das Serras do Douro e do Minho)* (Cf. Anónimo, 1916), com a indicação de “Nova Edição”, e com a curiosidade de a impressão ter sido feita no Porto. Apesar de não ter indicação de autor, a obra transcreve as páginas das *Memórias do Cárcere* em que Camilo se refere a José do Telhado.

O último folheto que consultámos data de 1924, foi editado no Rio de Janeiro pela Livraria/Editora H. Antunes & Cia e tem a indicação de terceira edição, intitulado-se *Vida, aventuras, proezas e façanhas do grande José do Telhado: historia completa* (Ver Santelmo, 1924). O autor, Amador Santelmo, pseudónimo do escritor Antônio Narciso Roças (1882-19??), nasceu em Portugal, tendo emigrado para

o Brasil onde teve uma vida aventureira. Foi autor de mais de 50 folhetos. (Ver Penjon, 2020). O folheto tem uma gravura de José do Telhado na capa e inclui um curioso prefácio de uma página em que o autor salienta o carácter heróico da personagem com frases como:

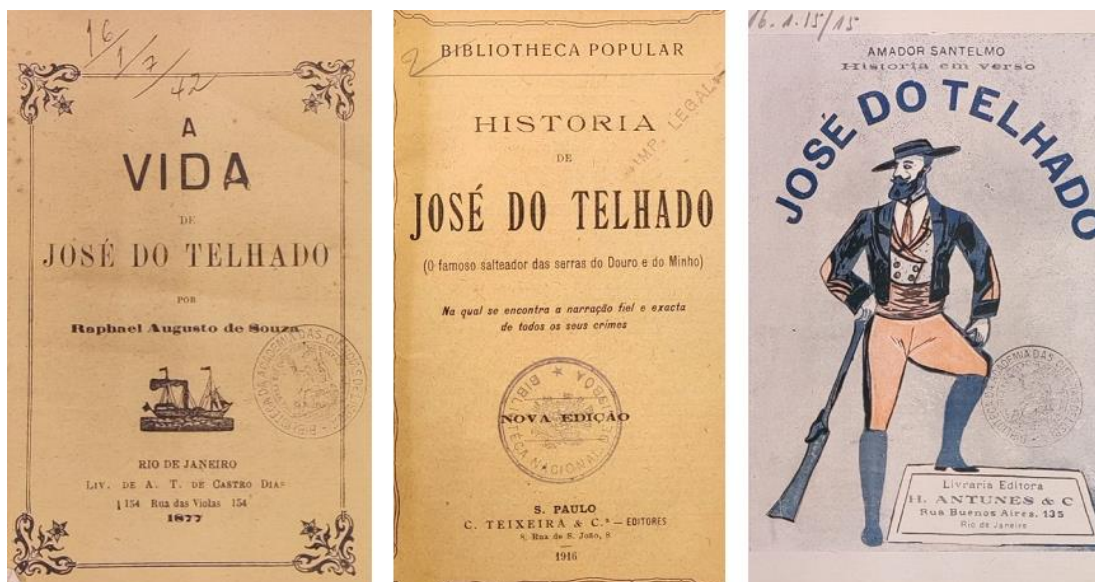
É realmente José do Telhado, o salteador das estradas, foi um verdadeiro heroe. Não um heroe de tirano como costumam ser os heroes da historia, quaes os guerreiros que roubam dos pequenos para dar aos grandes, mas um heroe antítese destes heroes cujo fim era: **Tirar dos ricos para dar aos pobres**. Eis aqui o lema humano deste grande e verdadeiro heroe. Há nesta frase um tratado completo de filosofia revolucionária. (Santelmo, 1924, prefácio. Grifos nossos)

E conclui com a afirmação, “...cujas aventuras narradas por Camillo, nas “Memorias do Carcere”, foram postas em verso como se fossem ouvidas do salteador”.

Seguem-se 28 páginas de quadras, o folheto tem um total de 32, em que se relata vários episódios da vida de José do Telhado. Nas quadras finais o autor retoma o tom de crítica social do Prefácio, como se pode ver no seguinte exemplo:

E assim terminou a historia/ Do grande Zé do Telhado,/ Que se o mundo fosse outro./ Seria um homem honrado.
Se fosse outra a Sociedade/Seria um homem de bem,/ Nunca seria um ladrão, Um perfeito cidadão.
Mas como o mundo está torto/ E elle tinha uma alma nobre,/ Assaltava então do rico,/ Para repartir c'o pobre.
Se neste mundo existisse/ Muitos josés do Telhado,/ Tenho certeza que o mundo/ Era mais bem governado.
Mas hoje vê-se o contrario/ No burguez sordido, iníquo;/ O rico tira do pobre/ Para dar mais ainda ao rico.
Mas o sol da liberdade/ Vem enxugando esses lodos/ Para um dia despontar/ No nascente para todos. (Santelmo, 1924, p. 32)

Fig. 02 – Capas de edições brasileiras de folhetos sobre José do Telhado



Fonte: Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa e Biblioteca Nacional de Portugal

Consultámos ainda uma nova edição do folheto, pela mesma editora, datada de 1955 e que está disponível na Cordelteca do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), Rio de Janeiro.⁴

2. Duelos Impossíveis

Os duelos impossíveis são um género muito praticado no cordel brasileiro. No artigo, *Um bandoleiro português nos trópicos: José do Telhado na literatura de cordel brasileira*, Nilce Carvalho afirma o seguinte:

O embate entre dois personagens desvela a oportunidade não apenas de entreter-se com uma “disputa” hipotética, e muitas vezes inusitada, entre “heróis” astuciosos e valentes de épocas e/ou lugares diferentes, mas também a possibilidade de perceber os motivos que levou o poeta a imaginar tal confronto. (Carvalho, 2023, p. 403)

⁴ Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=65>.

Nesse artigo, a autora analisa dois cordéis brasileiros que têm como personagem José do Telhado, um dos quais inclui também a figura de Lampião. O primeiro exemplo foi escrito em 1959 por Rodolfo Coelho Cavalcante (1919-1987), autor de muitos livros de cordel, e tem por título *O encontro de Cancão de Fogo com José do Telhado*. (Cavalcante, 1959).

Segundo Silvana Andrade, “Cancão de Fogo é uma personagem que habita o imaginário brasileiro. Misto de herói e vilão, destaca-se por sua esperteza e pela arte de iludir as vítimas de seus engodos” (Andrade, 2014, p. 197-198). Criada por Leandro Gomes de Barros, considerado o “pai da literatura de cordel brasileira”, a personagem de Cancão corresponde à figura do “bom malandro”, expressão que se popularizou em Portugal a partir do livro *Crónica dos bons malandros* (1980), de Mário Zambujal.

No duelo imaginado por Cavalcante, José do Telhado vem ao Brasil para conhecer o Cancão com quem se alia para fazer “quengas” em várias cidades. Depois de muitas aventuras José do Telhado regressa a Portugal reconhecendo o talento de Cancão. Os seguintes versos são um exemplo da rivalidade/admiração que o enredo explora:

Um dia disseram a ele:/ – Você encontra Cancão/ Na cidade do Recife/ Que é professor de ladrão,/ O sujeito mais ladino,/ Quenguista de profissão.

Disse Telhado: – Não creio,/ Nesse gênio brasileiro./ Vou mostrar que Portugal/ Tem “cabra” mais estradeiro,/ Eu sou José do Telhado/ De fama no mundo inteiro! (Cavalcante, 1959, p. 9)

Também:

Telhado disse: Eu agora/ Não pretendo mais ficar/ Vim aqui só conhecer/ Cancão de Fôgo roubar/ E se não fôsse ele agora/ Iria me enrascar. (Cavalcante, 1959, p. 30)

O segundo exemplo destes duelos insólitos é o folheto, mais recente, *Grande duelo de Lampião com Zé do Telhado* (Rinaré, 2015), da autoria de Rouxinol do Rinaré, pseudónimo do cordelista cearense Antônio Carlos da Silva.

Encontrámos o poeta nas III^a Jornadas de Literatura de Cordel e Xilogravura, em Fortaleza, e perguntámos-lhe porque razão se tinha lembrado de José do Telhado e de o comparar com Lampião. A resposta foi que, “para escrever é preciso ler muito”, tinha lido Camilo Castelo Branco e achado que José do Telhado era semelhante a Lampião, daí ter criado o duelo entre ambos.

O cordel inicia-se com um quadro de honra em que Lampião e José do Telhado se comparam com os seus congéneres.

Os dois valentões enfrentam-se primeiro verbalmente, louvando os seus feitos, e depois com espadas e armas de fogo, como as que se vêem na gravura da capa da edição consultada (Rinaré, 2015). A luta só termina com a intervenção do Padre Cícero, que exclama que “são feitos do mesmo barro”.

3. Lampião, o Rei do Sertão

O ambiente social do Nordeste em que Lampião viveu foi marcado por um conjunto de fatores que incluíam o fim da escravatura, os grandes latifúndios, o poder dos coronéis locais e um elevado nível de pobreza.

De certa forma o cangaço era um modo de vida. Como afirma Melchíades da Rocha, o jornalista que primeiro chegou à fazenda Angicos, local do extermínio do bando de Lampião, “O cangaço, para o cangaceiro, é uma profissão como outra qualquer.» (Rocha, 1940, p. 146). Os motivos podiam ser vários, as contendas familiares, como no caso de Lampião, “o apego insensato à tradição de valentia” ou a “gratidão por um benefício recebido”, podiam levar o sertanejo a abandonar a enxada e “a viver debaixo do cangaço” (Rocha, 1940, p. 147).

Numa interessante dissertação com o título *Virgulino cartografado*, Guerhansberger Sarmiento, analisa diferentes interpretações feitas pela historiografia

sobre as causas que conduziram ao cangaço. Neste trabalho, o autor “investiga as relações de poder e os processos de territorialização” construídas por Lampião fugindo a algumas ideias feitas sobre o tema. Reconhecendo os diferentes papéis que os principais agentes podiam assumir nesse contexto, o autor afirma que “o cangaço foi antes de mais nada uma alternativa de vida à margem da lei vigente, que proporcionou a muitos sujeitos se recolocarem dentro das relações de poder que marcaram, sobretudo, o contexto político da Primeira República” (Sarmiento, 2019, p. 26.).

3.1 Lampião no Cordel Brasileiro

O cangaço foi desde cedo um tema privilegiado pelo cordel brasileiro. Lucena (2017), aponta o folheto *A vida de Antônio Silvino*, de 1904, como o mais antigo folheto de cordel brasileiro datado. Já Mário de Andrade, num artigo publicado inicialmente em 1932, ainda em vida de Lampião, referia:

Os casos e heróis do cangaço interessam muito particularmente trovadores e ouvintes nordestinos. Os romances do ciclo dos cangaceiros são numerosíssimos e só Antônio Silvino produziu vasta literatura de cordel. Lampeão o segue imediatamente atrás, nessa literatura, e mui provavelmente ultrapassará o rival. (Andrade, 1963, p. 87)

Ultrapassagem que realmente se veio a verificar. O que é certo é que Lampião se tornou a personagem mais retratada na literatura de cordel brasileira, com mais de um milhão de exemplares vendidos, só do folheto mais famoso, *A Chegada de Lampião ao Inferno*, de José Pacheco da Rocha.

3.2 Edições de Lampião em Portugal

O interesse por estes “heróis-bandidos” populares de ambos os lados do Atlântico foi sendo construído ao longo do tempo e alimentado por publicações centradas na vida criminosa, mas sem deixar de referir aspetos positivos das

personagens. A publicação da *História dos Grandes Criminosos* pela Livraria Barateira de Lisboa, em 1919, reunia já “célebres bandidos” de Portugal e do Brasil. Neste folheto o cangaceiro António Silvino, antecessor de Lampião e conhecido como “Governador dos Sertões”, aparece acompanhado de José do Telhado, outro herói social, de João Brandão, um guerrilheiro liberal, ao lado de criminosos de delito comum portugueses, como Diogo Alves e Urbino de Freitas.

Quanto a Lampião as publicações populares em Portugal surgiram ainda durante a sua vida. A primeira que vamos referir data de 1931 e trata-se da adaptação de uma obra escrita no Brasil no mesmo ano. Tem o título *Os crimes do bandido Lampeão: aventuras e vida do famigerado bandoleiro* (Sergipe, 1931) e tem como autor Floriano Sergipe e a adaptação para teatro de A. Victor Machado.

Segundo o *Portal Infonet*, o que é notícia em Sergipe, o livro revela o interesse pelo tema noutras partes do mundo.

Não há indicação sobre o autor Floriano Sergipe, seu local de nascimento, profissão, e outras coisas. Numa das capas ele indica ter escrito o texto em Belém, capital do Pará. Não se sabe, então, porque a edição foi feita em Lisboa, por um editor conceituado em livros populares como era Henrique Torres. A prosa, em capítulos, conta aventuras e desventuras amorosas de Virgulino Ferreira da Silva, fugindo dos chavões de embates travados entre os cangaceiros e seus desafetos, inimigos e volantes. (Infonet, *on-line*, 2006)

Outro folheto, editado pela Livraria Barateira em 1934, tem o título de *O Lampeão: bandido brasileiro* e como autor J. Pascoantes, muito provavelmente um pseudónimo que surge como autor de outros folhetos e de letras de fados. O texto descreve uma história rocambolesca de um Lampião, possivelmente de origem portuguesa, que entra no cangaço depois de enganado pelos amigos e traído pela mulher.

Como é habitual nestas histórias, por muito mau que seja Lampeão, o autor encontra algo de bom, não deixando de o comparar a José do Telhado:

Nos seus assaltos dados a vários fazendeiros do Brasil, ele tem poupado a honra das donzelas, e, dos seus roubos, reparte com a sua gente, dando por vezes esmolas aos pobres que o procuram. José do Telhado também assim foi. Neste pequeno folheto torna-se impossível tratar desenvolvidamente de seus crimes, limitando-nos, apenas, a romantizar a valentia, audácia e generosidade do bandido Lampeão. (Pascoantes, 1934, p. 9)

Nas 16 páginas que compõem o folheto, o autor ainda teve tempo para criar um falso Lampeão, que acaba por ser morto em vez do verdadeiro, por um familiar de uma vítima do cangaceiro.

Fig. 03 – Capa de *Os crimes do bandido Lampeão*, de F. Sergipe e A. V. Machado (1931) e
Fig. 04 – Capa de *O Lampeão: bandido brasileiro*, de J. Pascoantes (1934)



Fonte das Fig. 03 e 04: Biblioteca Nacional de Portugal

O nome de Lampião aparece ainda na literatura infantil em Portugal através da edição em 1938, ano da morte do cangaceiro, do livro *Aventuras do “Traga-balas” (Rival do famoso Lampeão)*, da autoria da escritora angolana Maria de Figueiredo (1910-1971).

No entanto, o melhor exemplo da visão de Lampião na Literatura Popular Portuguesa é-nos revelado no artigo *António Aleixo: problemas de uma cultura*

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>
Macapá, v. 12, n. 1, 2026.

popular, da historiadora Graça Silva Dias. Trata-se de um artigo de grande profundidade, que parte de uma perspectiva interdisciplinar, e que nos parece inacreditável que seja praticamente ignorado no contexto dos estudos de literatura e cultura populares. A autora começa por contextualizar a cultura popular e os estudos que a ela se dedicam para depois se debruçar sobre a obra do poeta popular António Aleixo. Um dos géneros que analisa é o do herói-aventureiro, que a autora considera que “faz parte de uma linhagem oriunda de uma corrente cultural aristocrática.” Inclui nesse género a “Canção do ladrão Domingos Louzeiro”. Trata-se de quadras incluídas no primeiro livro de António Aleixo, com o título, *Quando começo a cantar*, que teve a primeira edição em 1943.

É a propósito desta canção que a autora refere, “a canção de gesta popular, não assumindo as dimensões de uma contra-cultura, tem já, em potência, as virtualidades de um mundo-às-avessas, em que o ladrão é o justicado-justiceiro, o herdeiro dos cavaleiros, quer sejam os Robin Hood, quer os cangaceiros.” (Dias, 1977, p. 39)

Estruturada em mote e glosas a canção retrata um ladrão que ficou conhecido na região algarvia e refere-se a Lampião:

Já lá vai preso o ladrão/ Que em toda a parte apar'cia/ Contam-se mais de um milhão/De roubos que ele fazia./ Meus senhores vão ouvir/ A história do quadrilheiro/ Manuel Domingos Louzeiro,/ Que foi a pena cumprir,/ Enquanto alguém de Salir,/ Num primor de descrição,/ Lhe chama até “Lampeão”;/ Mas, salirenses honrados,/ Podeis dormir descansados,/ Que lá foi preso o ladrão. (Aleixo, 1970, p. 81)

Graça Silva Dias diz o seguinte, a propósito da referência a Lampião:

E é do cangaceiro que se vai partir para uma última reflexão: o endeusamento do ladrão-salteador na tradição luso-brasileira. A referência explícita feita na segunda glosa da canção de António Aleixo ao Lampião mostra a popularidade de que este gozou em Portugal pelos anos 30. Popularidade que não lhe adveio só das notícias dos jornais, que lhe seriam, de uma forma geral, essencialmente adversas, por transmitirem a versão oficial, mas de toda uma literatura de cordel nordestina, ou nela inspirada, que glorificou e mitificou Virgulino Lopes e o seu bando, assim como António Silvino, Jesuíno Brilhante, José do Vale e outros.

[...] A alusão que António Aleixo faz ao Lampião reflecte a popularidade da figura e apela para um paralelo entre os dois bandidos. Assim o “terrível bandido» que Louzeiro é para uns, ou o “grande infeliz» que é para outros, é bem o irmão de “um infeliz brasileiro» que Lampião é para muitos ou de “um bandido, ladrão da honestidade» que é para alguns. (Dias, 1977, p. 457)

A glosa final transmite esta dúvida sobre qual a verdadeira natureza do “terrível bandido”, ao mesmo tempo que lança interrogações sobre a justeza da “Gente que passa por justa”:

Por alguns sítios passava,/ Onde há só gente honradinha,/ Que roubava à vontade/ E que ninguém acusava;/ Tudo Domingos pagava,/ E ele às vezes nem sabia/ Que à sua sombra vivia/ Gente que passa por justa,/ Fazendo crimes à custa/ Dos roubos que ele fazia.

A cantiga de António Aleixo veio a ser cantada por Adriano Correia de Oliveira, com música de José Niza, e editada no álbum *Gente de aqui e de agora* de 1971.

4. Os Nomes e as Coisas, Memória Coletiva e Memória Cultural

Como explicar que personagens tão diferentes e que viveram há tanto tempo se mantenham na memória coletiva em Portugal e no Brasil, ultrapassando outras, mais recentes e aparentemente com melhores condições?

O conceito de memória coletiva foi criado pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs em 1925. O mérito de Halbwachs foi o de alargar o âmbito dos estudos da memória do individual para o coletivo, mostrando que a nossa própria memória autobiográfica é uma construção social que resulta da permanente comunicação com os outros.

Durante muito tempo o conceito foi entendido como uma metáfora de que os processos da memória individual se poderiam alargar para a memória coletiva.

Com o chamado *boom* da memória dos últimos 30 anos houve alterações significativas neste entendimento. Por um lado, os estudos no campo da Psicologia e

das Neurociências passaram a considerar a memória não como um sistema de armazenamento de informação, mas sim como um processo permanente de construção/reconstrução da experiência humana (ver, por exemplo, Wehrs, 2023).

No campo das Ciências Humanas, autores como Jan Assmann, precisaram o conceito e acrescentaram distinções como a de memória cultural. “A memória cultural é uma forma de memória coletiva, em que um grupo de pessoas partilha memória cultural e em que esta constitui uma identidade coletiva (ou seja, cultural)” (Assman, 2011, p. 16-17, tradução do autor). Neste sentido, o conceito aproxima-se do conceito de cultura, o que levou a alguns autores a afirmarem que “a cultura é a memória social” (Orianne, 2023, p. 7). Importa assim diferenciar este tipo de memória da memória coletiva “comunicativa”, vivida e transmitida por gerações próximas dos acontecimentos e que é o objeto da História Oral. Assman afirma que todos os estudos de História Oral confirmam que este tipo de memória viva nunca ultrapassa os 80 anos, o que no nosso estudo estaria no limite da morte de Lampião.

Assman chama ainda a atenção para o papel dos poetas e contadores de histórias na preservação da memória cultural, sobretudo nas sociedades tradicionais (Assman, 2011, p. 19).

O psicólogo Jens Brockmeier considera quatro domínios que dão forma ao fenómeno da memória: o social e cultural, o tecnológico, o biológico e cognitivo, e o literário e artístico (Brockmeier, 2015, p. 21, tradução do autor). A memória social/cultural seria assim o resultado de “operações de comunicação que, através da redundância e da repetição, realizam uma reimpressão contínua e seletiva de significado”, em que a escrita e a impressão tiveram um papel muito importante. (Orianne, 2023, p. 1, tradução do autor). Não é assim de estranhar o reconhecimento de uma componente literária da memória.

O que é certo é que todos estes elementos se entrecruzam para definir os traços na nossa memória das duas personagens que aqui abordamos.

Consideração Finais

Mas quais são os traços mais marcantes nas memórias de José do Telhado e de Lampião?

As palavras que podemos aplicar a estas personagens variam muito consoante o contexto. Segundo Fátima Sá (2015), em Portugal no pós-guerra civil “vale a pena acompanhar algumas figuras exemplares da ‘desordem’ em particular as que receberam as designações de ‘rebelde’, ‘guerrilheiro’ e de ‘bandido’ ou ‘salteador’ (Sá, 2015, p. 366), a que a autora acrescenta ainda os de ‘ladrão’ e ‘matador’”. Curiosamente, a designação que melhor se aplica a José do Telhado é a de ladrão e salteador. Nunca foi guerrilheiro, de nenhum dos lados envolvidos na guerra civil, ao contrário de João Brandão, guerrilheiro liberal, ou do Remexido, chefe duma guerrilha miguelista. Rebelde, no sentido de “O que entrou em rebelião, contra o seu soberano”, terá sido pontualmente durante a sua participação nas lutas da Patuleia. Mas as muitas faces deste homem incluíam a sua participação no exército liberal, para além da pacífica profissão de castrador, no início da sua vida.

No caso de Lampião o termo “cangaceiro” implica um contexto geral de violência, roubos, confrontos armados com outros grupos e com a polícia. No entanto, não deixou de desempenhar o papel de aliado das forças do poder, quando lhe foi atribuído o título de capitão, para se opor às forças da “Coluna Prestes”, o que acabou por não acontecer.

Já numa perspectiva literária, Joaquim Matos, após analisar quais os termos que melhor se poderiam aplicar a José do Telhado, se herói, lenda ou mito, conclui, “De qualquer maneira, o rótulo é secundário, o Zé do Telhado faz parte de uma memória colectiva, de um ventre nacional, no qual fomos gerados e para o qual contribuímos” (Matos, 1990, p. 7).

É conhecida a ambivalência com que estes heróis-bandidos são tratados na memória popular. Por um lado, o elogio da valentia, da heroicidade, está presente em ambas as personagens, na forma como enfrentam as autoridades e outros inimigos.

Por outro lado, o elemento de bandido pode ser abordado de formas distintas, ou salientando o lado do bandido social, que rouba os ricos para dar aos pobres, ou chamando a atenção para o lado violento e malévolo das ações praticadas, o que não deixava de ser motivo de interesse para certo público.

No caso português, a imagem de José do Telhado é muito marcada pela benevolência com que é tratado por Camilo Castelo Branco nas *Memórias do Cárcere*. O caso de Lampião parece ter sofrido uma evolução assinalável. Como afirma Fátima Sá, “Analisando a formação do mito do cangaço, Maria Isaura Pereira de Queiroz faz notar a reprovação de que eram alvo na literatura de cordel nordestina, homens como Lampião ou mesmo António Silvino” (Sá, 1995, p. 206). Só mais tarde é que Lampião se viria a tornar num símbolo do folclore nordestino. No mesmo sentido apontam Martins e Haurélio, “A literatura de cordel, que ajudou na construção do mito Antônio Silvino, começou a se voltar para Lampião ainda no início dos anos 20, mas não de forma lisonjeira ou encomiástica” (Martins; Haurélio, 2022, p. 111).

Quero concluir com uma referência ao papel da literatura de grande circulação no processo de “lendarização” destas personagens. No caso de José do Telhado, parece não haver dúvida de que a influência maior vem do escrito por Camilo Castelo Branco nas *Memórias do Cárcere* e, posteriormente na publicação autónoma com o título *Vida de José do Telhado*. No entanto, há várias referências a episódios, por exemplo assaltos, que não constam nas *Memórias* nem no processo judicial e que poderão ter origem na tradição oral da época.

Já no caso de Lampião, a literatura de cordel fixa e recria muito elementos que circulariam, quer oralmente quer através dos media. E até a sua morte contribuiu para o libertar da lei do esquecimento. “O fim trágico de Lampião, com o consequente desmantelamento do cangaço, ajudou a consolidar a sua mitificação (...) e o arquétipo de bandido nobre (...) viria a colar indissociavelmente à sua imagem” (Martins; Haurélio, 2022, p. 113).

Não deixa de ser extraordinário como estes objetos de memória circularam de um para o outro lado do Atlântico com a especificidade própria de cada cultura.

Para reflexão final, deixo uma síntese com que João Fatela termina o seu livro *O Sangue e a Rua*, que parte das questões da memória e nos deixa uma porta aberta aos espaços de ficção e de sonho.

A memória é um espaço imaginário, falado e recriado pelos inúmeros caminhos que nela se cruzam, e que faz da realidade outra realidade. (...) as figuras de salteador, ou como tais representadas, que marcam a memória popular (um José do Telhado ou um João Brandão), são, por definição e pelo quadro histórico em que se inscrevem, figuras de transição. O salteador - vimo-lo na primeira parte - é um homem entre dois mundos, entre duas fronteiras; a ambivalência caracteriza a sua trajectória. (...) Daí que ele possa navegar em todos os mares, do lado dos ricos como dos pobres, dos poderosos como dos humildes. É em razão dessa ambivalência que bandidos e salteadores continuam a povoar os nossos sonhos... (Fatela, 1985, p. 250)

Referências

- ABREU, Márcia. *Cordel português/folhetos nordestinos: confrontos um estudo historico-comparativo*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- ALEIXO, António. *Este livro que vos deixo*. Lisboa: Vitalino Martins Aleixo, 1970.
- ANDRADE, Mário de. *O baile das quatro artes*. São Paulo: Martins, 1963.
- ANDRADE, Silvana Bento. *José do Telhado e António Silvino: a construção do herói ambivalente*. Doutoramento—Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014. Disponível em: <https://repositorio.utad.pt/server/api/core/bitstreams/bfc9a0cb-2d77-4b8d-9ef3-d53175f4a877/content>. Acesso em: 2 abr. 2025.
- ANÓNIMO. *A historia de José do Telhado: o famoso salteador das serras do Douro e do Minho*. Porto/São Paulo: [s.n.], 1916.
- ANÓNIMO. *A história verdadeira e completa do célebre salteador José do Telhado*. Lisboa: Typ. A. Maria Antunes, s.d.-01. Coleção Histórias Populares Portuguesas.
- ANÓNIMO. *José do Telhado e sua quadrilha*. [s.l.]: [s.n.], s.d.-02. Coleção Criminosos Célebres.

- ANÓNIMO. *José do Telhado salteador social que roubava os ricos e repartia com os pobres*. 2. ed ed. Porto: J. Ferreira dos Santos, 1930. v. 1
- ASSMANN, Jan. Communicative and Cultural Memory. In: MEUSBURGER, Peter; HEFFERNAN, Michael; WUNDER, Edgar (Orgs.). *Cultural memories: the geographical point of view*. Dordrecht: Springer Netherlands, 2011. p. 15–27.
- BOAVENTURA, Manuel de; TORRES, Gonçalves; SOUSA, Sérgio Guimarães de. *Zé do Telhado no Minho*. Esposende: Câmara Municipal de Esposende, 2023.
- BROCKMEIER, Jens. *Beyond the archive: memory, narrative, and the autobiographical process*. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- CABRAL, Alexandre. *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Caminho, 2003.
- CARVALHO, Nilce Camila de. Um bandoleiro português nos trópicos: José do Telhado na literatura de cordel brasileira. In: *Literatura de cordel: olhares interdisciplinares*. Lisboa: Caleidoscópio, 2023. p. 401-419.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Memórias do cárcere*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2020. Edição digital de acordo com a 2ª edição em papel, 1864. Disponível em: <https://impresanacional.pt/wp-content/uploads/2022/03/Memorias-do-Carcere.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2025
- CAVALCANTE. *O encontro de Cancão de Fôgo com José do Telhado*. São Paulo: Prelúdio, 1959.
- CURTO, Diogo Ramada. Literaturas populares e de grande circulação. In: *Cultura escrita: séculos XV a XVIII*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007. p. 281-316.
- DIAS, Graça Silva. António Aleixo: problemas de uma cultura popular. *Revista de História das Ideias*, v. 1, p. 419–510, 1977.
- FATELA, João. *O sangue e a rua*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.
- INFONET, Migrador Sysinfonet. *Documentação sergipana III: o que é notícia em Sergipe*, 24 abr. 2006. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/documentacao-sergipana-iii/>. Acesso em: 9 mar. 2025.
- JORGE, José de Almeida Cardoso. *Verdadeira história da vida e crimes de José do Telhado, célebre criminoso do século XIX, descripta em verso*. Porto: [s.n.], 1898.

Disponível em: <http://penafiel.mygead.com/geadopac/?mediarid=ff4d4bo2-71a9-424c-968c-3d56e96a7cd1>. Acesso em : 2 abril 2025

LIMA, Joaquim Alberto Pires de; LIMA, Fernando de Castro Pires de. *Contribuição para o estudo do romanceiro minhoto*. Porto: Portucalense, 1943.

LUCENA, Bruna Paiva de. *É fácil ver a chuva quando você não se molha: os gabinetes da historiografia literária e do cordel e as poéticas a céu aberto*. Brasília: Universidade de Brasília, 2017.

MARTINS, Penélope; HAURÉLIO, Marco. *O sonho de Lampião*. Jandira, SP: Principis/Ciranda Cultural, 2022.

MATOS, Joaquim. A sombra de uma época. In: *A sombra de uma época/O herói e o mito*. Porto: Edinter, 1990.

NOGUEIRA, Carlos. *Pedro Sem: da oralidade à poesia romântica, ao cordel (português e brasileiro) e à literatura para crianças e jovens*. Disponível em: <http://www.culturaspopulares.org/textos6/articulos/nogueira.htm>. Acesso em: 7 maio. 2025.

ORIANNE, Jean-François; EUSTACHE, Francis. Collective memory: between individual systems of consciousness and social systems. *Frontiers in Psychology*, v. 14, 12 out. 2023.

PACHECO, Graça Maria Miranda Lérias. *Criminosos popularizados na narrativa de divulgação (de 1838 aos alvares da República)*. Tese de Doutorado em Estudos Portugueses – Estudos de Literatura. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2015. Disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/17079/2/TeseDoutoramento_Gra%C3%A7aPacheco.pdf. Acesso em: 26 mar. 2025.

PASCOANTES, J. *Lampeão: bandido brasileiro*. Lisboa: Barateira, 1934.

PENJON, Jacqueline. A Ceia dos Cardeais parodiada por Amador Santelmo. *Revista Alere*, v. 22, n. 2, p. 475–492, 2020.

RINARÉ, Rouxinol. *Grande duelo de Lampião com Zé do Telhado*. Fortaleza, CE: Tupynanquim, 2015.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>
Macapá, v. 12, n. 1, 2026.

- ROCHA, Melchíades da. *Bandoleiros das caatingas*. Rio de Janeiro: A Noite, 1940.
- RODRIGUES FILHO, José. *Redefinindo histórias na literatura de cordel: a trajetória da editora Luzeiro (c.1920-1995)*. Aracaju, SE: Criação, 2024.
- SÁ, Fátima. Literatura popular e memória histórica. *Revista Lusitana – Nova Série*, n.º 13–14, p. 199–206, 1995.
- SÁ, Fátima. Política y lenguaje: rebeldes, guerrilleros, bandidos en Portugal Tras la Guerra Civil (1834-1840). In: *El Historiador consciente, homenaje a Manuel Pérez Ledesma*, Madrid: Marcial Pons, 2015, p. 363-373.
- SAMPAIO, Maria de Lurdes. “Memórias de polícias” em Portugal: a utopia de um novo herói. *Cadernos de Literatura Comparada*, v. 0, n.º 19, p. 297–334, 14 maio 2021.
- SANTELMO, Amador. *Vida, aventuras, proezas e façanhas do grande José do Telhado: história completa*. 3. ed. ed. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1924.
- SARAIVA, Arnaldo; VENTURA, Isabel. *Folhetos de cordel e outros da minha colecção*. Porto: Biblioteca Municipal Almeida Garrett, 2006.
- SARMENTO, Guerhansberger Tayllow Augusto. *Virgulino cartografado: relações de poder e territorializações do cangaceiro Lampião (1920-1928)*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019.
- SERGIPE, Floriano; MACHADO, A. Vítor. *Os crimes do bandido Lampeão*. Lisboa: Herique Torres, 1931.
- SOUSA, Manuel Pinto Ferreira de. Episódios do José do Telhado. *Confluência/Círculo Cultural Penafidense*, n.º 2, p. 102–116, 1986.
- SOUZA, Rafael Augusto de. *A vida de José do Telhado*. 2. ed. Rio de Janeiro: A. T. de Castro Dias, 1877.
- SOUZA, Rafael Augusto de. *A vida de José do Telhado*. Porto: [s.n.], 1874. Disponível em: <https://purl.pt/6555>. Acesso em: 2 abr.2025.
- WEHRS, Donald R.; NALBATIAN, Suzanne; TUCKER, Don M. (ORGS.). *Cultural Memory: from the Sciences to the Humanities*. Nova Iorque: Routledge, 2023.
- ZAMBUJAL, Mário. *Crónica dos bons malandros*. Amadora: Bertrand, 1980.